

humanitas

Vol. XV–XVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XV E XVI



COIMBRA
MCMLXIII-LXIV

Jacqueline de Romilly, *L'évolution du pathétique d'Eschyle à Euripide*. Paris, Presses Universitaires de France, 1961. 148 pp.

Nas breves páginas da Introdução, elucida-nos a A. sobre os verdadeiros limites e ambições do seu trabalho. Não se trata, fica o leitor a saber, de um ensaio sobre um aspecto particular das obras de Ésquilo e Eurípides, sem outro interesse que não seja a iluminação de mais um escaninho do génio plurifacetado dos dois grandes trágicos. Através dos vários níveis da investigação, esforça-se a A. para que «ce soit vraiment la philosophie profonde des deux hommes qui se dégage pour finir, et que l'évidence de ces témoignages concrets rejaillisse ainsi en un domaine plus secret, où se définit la véritable originalité de chacun.» (p. 7) Esta obra, informa-nos ainda a A., representa o alargamento de uma conferência pronunciada no Congresso Internacional de Londres, em 1959, com o título de *D'Eschyle à Euripide, violences et souffrances*.

A originalidade do patético em Ésquilo e Eurípides é analisada com grande penetração, e a sua significação devidamente explorada para a caracterização do pensamento e da arte dos dois poetas. Mas uma obra tão rica de observações pessoais suscita naturalmente a discordância em relação a muitos dos seus pormenores. Assim, a p. 26, afirma a A. o carácter quase gratuito da cena das *Troianas* em que é trazido a Hécuba o cadáver de Astíanax. Se é exacto, como o reconhece a generalidade dos comentadores, incluindo a própria autora deste trabalho, que Eurípides atinge neste ponto o patético mais veemente, não sabemos como conciliar esta opinião com a da gratuitidade da cena. E não servirá o patético, nesta obra em especial, a intenção particular do Autor?

Na página seguinte, cita a A. o *Hipólito* para ilustrar a sua tese de que a evolução da tragédia de Ésquilo a Eurípides acusa a substituição da acção pelo sofrimento. O exemplo parece-nos mal escolhido. Será lícito atribuir à evolução íntima do espírito de Eurípides as alterações a que este sujeitou a primeira redacção do *Hipólito*? Importava saber até que ponto Eurípides é forçado pelo gosto e crítica do público a modificar os dados da primeira versão.

Também as conclusões demasiado gerais atraíam, por vezes, a A., que não pode sintetizar numa fórmula a extrema complexidade da obra euripídiana. A p. 43, tratando dos heróis de Eurípides, afirma: «on dirait donc que toute action réelle leur est refusée et que toute lutte leur est interdite». E logo a seguir: «la violence n'est donnée en spectacle que quand elle reste virtuelle et aboutit seulement à des souffrances morales». Ocorre-nos, porém, o caso de Medeia. Não parece que a violência, nesta peça, seja apenas virtual ou que se trate apenas de sofrimento moral.

Relativamente à importância que têm em Ésquilo e Eurípides os sentimentos do temor e do sofrimento, faz a A., a p. 69, judiciosas considerações. Quando, porém, na página seguinte, para esclarecimento do seu ponto de vista, compara os *Sete contra Tebas* com a *Hécuba* e as *Troianas*, cremos que está a forçar a comparação. Os casos são, na realidade, diferentes. O facto de nos *Sete contra Tebas* se não tratar dum cidade tomada oferece uma importância indiscutível. Já a comparação com os

Persas é lícita e fecunda e são válidas as conclusões a que a A. chega na análise comparativa desta peça com as de Eurípidas.

Outras observações críticas se poderiam fazer a vários aspectos de pormenor desta obra tão sugestiva. Mas, para além destas pequenas divergências, o que importa salientar é o mérito essencial deste livro de Jacqueline de Romilly, que alcançou, com felicidade, o seu objectivo: explicar a evolução do patético de Ésquilo a Eurípidas por um conjunto de circunstâncias em que avulta, com carácter decisivo, a originalidade pessoal dos dois autores.

MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO
(Bolseiro do I.A.C.)

Ettore Paratore, *!^epicureismo e la sua diffusione nel mondo latino.*

Quaderni della «Rivista di Cultura Classica e Medicewle»: 1.
Roma, Edizioni dell'Atenec, 1960. 99 pp.

Constitui este trabalho, segundo a informação do A., o primeiro capítulo de um livro sobre Lucrécio que não chegou a ser acabado, que não passou mesmo deste primeiro capítulo, redigido em 1945 e publicado apenas em parte em 1947, nos «Annali della Scuola Normale di Pisa», com o título de *Il fondamento religioso della «metafisica» epicúrea*. Quinze anos depois da sua primitiva redacção, decidiu-se o A., e em boa hora o fez, a publicar na íntegra este estudo alicianete sobre um dos temas mais sugestivos do diálogo entre Grécia e Roma. Diálogo que, aparentemente, é limitado no tempo pela sua referência a uma doutrina filosófica que suíge tarde na Grécia (a fundação do *Jardim* data de 306 a. C.), mas que, na realidade, envolve todo o portentoso movimento cultural que deu origem à filosofia a partir dos seus fundamentos, em terras da Ásia Menor. É que a especulação grega, observa Paratore na p. 8, «obedece a uma sua íntima dialéctica», que explica, por exemplo, a aparição dos Sofistas e de Sócrates e dá conta das manifestas e inúmeras implicações do pensamento platónico e aristotélico com todo o pensamento anterior.

O epicurismo surge, assim, como um produto filosófico inteiramente radicado no solo especulativo da Grécia e a sua transplantação para a Itália, como uma aventura ideológica de incalculáveis consequências. Paratore detém-se a analisar a história da aclimação e evolução em Roma desta doutrina revolucionária, à qual Roma ficaria, em grande parte, devendo uma profunda e tormentosa transformação espiritual. Alguns passos dos mais interessantes deste trabalho mostram, concretamente, o papel providencial desempenhado pelo epicurismo na preparação do ambiente que viria a receber a mensagem cristã.

O choque entre o epicurismo e o ambiente romano tradicional é devidamente explicado a p. 34. A importância de Lucrécio e de Cícero para o conhecimento das características apresentadas pela doutrina epicurista na Roma do primeiro século